



Rádio e cibercultura - contribuições para as teorias dos *media*¹

*José Eugenio de Oliveira Menezes*¹

Resumo

Este artigo propõe um conjunto de indagações sobre o rádio no contexto da cibercultura; uma série de perguntas que hoje desafiam os pesquisadores das teorias dos *media*. Depois de analisar os limites de algumas Teorias da Comunicação, o autor propõe um diálogo com as contribuições de Paul Virilio, calcadas essencialmente nas relações entre velocidade e poder no campo das comunicações audiovisuais, nas estratégias de guerra, nas próteses que otimizam o corpo humano e no sedentarismo comunicacional.

Introdução

O atual desenvolvimento dos meios de produção, estocagem e transmissão de sons, especialmente o meio rádio, impõe novos desafios às teorias que descrevem os processos de comunicação. Mesmo considerando que hoje é comum ouvir que só existe o que é mostrado pela televisão², na verdade o rádio continua disputando sua sobrevivência como meio de comunicação. No contexto da cibercultura o rádio tem seu espaço e se desenvolve na constante interação com outras formas de produção e veiculação de mensagens.

Na medida em que as experiências humanas, na sociedade tecnológica, passam a se expressar pela comunicação infoeletrônica ou por recursos tecnoimagéticos³, novas práticas comunicacionais expressam uma realidade marcada pela equação *tecnoimagem, tempo real e rede*. As práticas atuais, mediadas inclusive pela Internet, expressam dinâmicas que já estavam presentes desde o início das transmissões radiofônicas: um meio técnico que exige o uso de equipamentos por parte do emissor e do receptor, um

¹ Mestre em Comunicação e Semiótica pela PUC/SP, doutorando em Ciências da Comunicação na ECA/USP. Docente e pesquisador da Faculdade Cásper Líbero. jemenezes@uol.com.br

² Em 2001 o meio rádio recebeu cerca de 6% dos investimentos em publicidade.

³ A abordagem das socioespacializações tecnoimagéticas é desenvolvida por Trivinho, E. no ensaio “*Pilhagem, Perfeição, Controle. Transparência das tecnoimagens da transparências do mundo*”. In: TRIVINHO, E. *O mal-estar da teoria. A condição da crítica na sociedade tecnológica atual*. Rio de Janeiro, Quartet, 2001. Pág. 204.

1 Trabalho apresentado no NP06 – Núcleo de Pesquisa Mídia Sonora, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



meio inicialmente desafiado e vocacionado à articulação ou funcionamento em rede com outras emissoras.

Nesse sentido, nos propomos, de forma preliminar, a indicar um conjunto de questões que nascem quando estudamos o rádio no contexto da cibercultura; uma série de perguntas que desafiam os pesquisadores das teorias dos *media*.

Rádio e Cibercultura

Ampliando nosso leque de observações constatamos que as manifestações do *cyberspace*⁴, uma das expressões do amplo desenvolvimento da cibercultura⁵, são marcadas por noções de hipertextualidade, interatividade e transversalidade. Essas três características, observadas por Mike Sandbothe⁶, revelam uma articulação e remissão entre vários tipos de dados (som, escrita, imagem.....) que se organizam em forma de hipertexto. Indicam, também, a participação interativa dos envolvidos nas diversas modalidades de produção e percepção das mensagens, de uma forma transversal. Aqui, utilizamos a palavra “transversal”⁷ no sentido de metáfora para tudo o que não é linear, para tudo o que perpassa os processos de múltiplas escolhas e percepções que

⁴ Nas obras de Eugenio Trivinho encontramos tentativas de definição do *cyberspace*. Em 1996, no ensaio “*Epistemologia em ruínas: a implosão da Teoria da Comunicação na experiência do cyberspace*”, o autor caracterizou o *cyberspace* como “estrutura infoeletrônica transnacional de comunicação de dupla via em tempo real, *multimedium* ou não, que permite a realização de trocas (personalizadas) com alteridades virtuais (humanas ou artificial-inteligentes); ou, numa só expressão conceitual, a uma estrutura virtual transnacional de comunicação interativa” (Trivinho 1996 : 74). Em 1999, em *Cyberspace - Crítica da nova comunicação*, o autor mostrou que o conceito de *cyberspace* não pode ser definido de forma lógica, estrita e lacônica. Elaborou uma ampla reflexão para mostrar que a definição deve ser construída através de um amplo processo de estudo da lógica comunicacional do *cyberspace*. (Trivinho 1999 : 265).

⁵ Utilizamos a palavra cibercultura para nos referirmos, também de acordo com Eugenio Trivinho, ao mais recente arranjo tecnológico da civilização mediática, a fase pós-massificação cultural. “A cibercultura subjaz aos avanços consumados em diversos ramos da medicina da engenharia civil, da administração e contabilidade do Estado e do capital. (...) Em que pese tal enraizamento em todos os setores, é como fenômeno comunicacional, com efeito, que a cibercultura não só tem adquirido a sua maior proeminência, como também tem encerrado sua melhor significação. Na cibercultura, tudo passa pelo vetor informacional, virtual e imagético” (Trivinho 2001 : 60).

⁶ As análises do filósofo alemão Mike Sandbothe foram citadas no verbete *Transversalidade* do glossário de conceitos sistematizados pelo sociólogo Hugo Assmann. Conferir ASSMANN, Hugo. *Reencantar a educação. Rumo à sociedade aprendente*. Petrópolis, Vozes, 1998. Pág. 183.

⁷ Nos Parâmetros Curriculares do Ministério da Educação – MEC, os temas ético-humanistas levam o nome de *Temas Transversais*. De acordo com Hugo Assmann, na obra acima citada, “razão transversal é o nome que o filósofo alemão Wolfgang Welsch dá ao tipo contemporâneo de razão que não se organiza segundo esquemas hierárquicos, mas de forma transversal, como a que possibilitam os hipertextos, a Internet e os multimeios. Trata-se de uma lógica do transitar/transmigrar; um modo de pensar e agir segundo uma racionalidade-em-trânsito”. Pág. 183.

1 Trabalho apresentado no NP06 – Núcleo de Pesquisa Mídia Sonora, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



acontecem tanto no *dial* de um aparelho de rádio, como nos processos de navegação na chamada teia de alcance mundial, a *World Wide Web* – WWW.

O rádio vai sobreviver no contexto de tantas mudanças tecnológicas? Num mundo marcado por imagens que, ao apresentar e *presentificar* uma realidade, mostram praticamente tudo e minimizam o uso da imaginação, possivelmente ainda existirá espaço para o rádio como um dos meios que oferece aos sujeitos/receptores a experiência de proximidade e intimidade. No entanto, perguntamos: Continuará crescendo a audiência das emissoras de rádio brasileiras? Como entendermos a chuva de aparelhos de rádio sobre o Haiti⁸ quando os Estados Unidos planejavam a invasão do País? Como explicarmos a nova chuva de rádios sobre o Afeganistão, no final de 2001, no momento que a luta contra o terrorismo foi usada para justificar a chuva de alimentos e, em seguida, de bombas?

O rádio e as teorias da comunicação

As perguntas, acima mencionadas, que nascem ao refletirmos a respeito do papel do rádio no contexto da cibercultura, desafiam nossa elaboração teórica sobre os *media*. Durante o século XX encontramos, no campo das ciências da comunicação, uma série de tentativas de explicações sobre os processos de comunicação, uma série de Teoria(s) da Comunicação. Teorias e práticas se remetem mutuamente e também agilizam o esgotamento tanto de teorias que não mais explicam determinadas práticas como de práticas que pressupõem novas explicações teóricas⁹.

⁸ Uma ampla reflexão sobre a chuva de rádios sobre o Haiti foi elaborada por Norval Baitello no texto *Ambivalência na/da mídia: o Haiti e a chuva de rádios*. In: Baitello, Norval. *O animal que parou os relógios*. São Paulo, Annablume, 1997.

⁹ Sobre a relação entre teoria e prática remetemos às resenhas publicadas na revista *Líbero*, da Pós-Graduação da Faculdade de Comunicação Social Cásper Líbero, sobre as obras de Armand & Michèle Mattelart e Bernard Miège. Conferir: Menezes, José Eugenio de Oliveira. *Da teoria à prática e da prática à teoria*. Resenha de Mattelart, Armand & Michèle. História das Teorias da Comunicação. São Paulo, Loyola, 1999, publicada na Revista *Líbero*, Ano II, números 3 e 4, páginas 77-79. Menezes, J. E. *Comunicação: ciência e prática*. Resenha de Miège, Bernard. *O Pensamento Comunicacional*. Petrópolis, Vozes, 2000, publicada na Revista *Líbero*, Ano III, Número 5, páginas 93-94.

1 Trabalho apresentado no NP06 – Núcleo de Pesquisa Mídia Sonora, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



A palavra teoria, para os gregos, indicava a visão de um espetáculo, um certa especulação sobre um fato. Durante os jogos entre representantes de várias cidades gregas, alguns cidadãos participavam como atletas e outros – os teóricos - iam para contemplar o que estava acontecendo. Teoria, na sua etimologia, quer dizer “vista”, que vem do verbo grego *theorein*, que significa “ver, olhar, contemplar ou mirar”¹⁰.

Atualmente percebemos que o estatuto das teorias está em xeque. Eugênio Trivinho (2001:130), entre outros, analisou os diversos traços daquilo que entendemos por teoria ¹¹ e indicou que a velocidade das mudanças dos dados do real e as reflexões sobre a pós-modernidade¹² colocaram “a nu as ilusões do projeto moderno”. Nos mostraram que vivemos num contexto de “mal-estar da teoria”.

A história das Teorias da Comunicação nos mostra diferentes tentativas de explicação de fenômenos que, cada vez mais, se desenvolveram com maior velocidade e em menor prazo de tempo. Uma análise funcionalista, como a descrita por Harold Dwight Lasswell (1902-1978), ajudou a explicar o que acontecia com os meios de comunicação nas décadas de 40 e 50 do século XX. O texto mais conhecido de Lasswell, *A estrutura e a função da comunicação na sociedade*¹³, publicado em 1948, descreve os processos de comunicação, entre eles a emissão e recepção via rádio, de uma forma extremamente simples ao afirmar que “uma maneira conveniente para descrever um ato de comunicação consiste em responder

¹⁰ Sobre a etimologia da palavra “teoria”, conferir Santaella, L. e Nöth, W. *Imagem. Cognição, semiótica, mídia*. São Paulo, Iluminuras, 1997. Pág. 14.

¹¹ De acordo com Trivinho a teoria apresenta quatro grandes traços: “ 1. a fantasia de um alcance da totalidade dos dados do real, aliada a uma capacidade de articulação dos mesmos num quadro cognitivo lógico, coerente e de validade universal, bem como a uma potência de elucidação satisfatória desse quadro; 2. vinculação, pressuposta ou explícita, com os metarrelatos religiosos, filosóficos e/ou políticos (cristianismo, liberalismo, iluminismo, historicismo, marxismo, etc.) e, portanto, incorporação de um ideal teleológico (a qual, no final das contas se traduz como um); 3. adesão à utopia da emancipação total da humanidade; e 4. relativa perdurabilidade, garantida pela longevidade temporal dos dados empíricos abarcados e por sua própria capacidade de ter-se preservado numa posição insuperável por outras teorias”. Trivinho, Eugênio. *Epistemologia em ruínas. A implosão da Teoria da Comunicação na experiência do cyberspace*. In: Trivinho, E. Op.cit.

¹² Um amplo mapeamento sobre as diversas concepções do termo pós-modernidade pode ser encontrado em: Kumar, Krishan. *Da Sociedade Pós-Industrial à Pós Moderna. Novas teorias sobre o mundo contemporâneo*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1997.

¹³ “*The Structure and Function of Communication in Society*”. Tradução brasileira in: Cohn, Gabriel (Org.). *Comunicação e Indústria Cultural*. São Paulo, T.A Queiroz, 1987.

1 Trabalho apresentado no NP06 – Núcleo de Pesquisa Mídia Sonora, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



as seguintes perguntas: quem, diz o que, em que canal, para quem, com que efeito?” Em seguida, Lasswell fez um mapeamento dos diferentes tipos de estudo do processo de comunicação:

“Aqueles que estudam o ‘quem’ – o comunicador – se interessam pelos fatores que iniciam e guiam o ato comunicativo. Essa subdivisão do campo de pesquisa é chamada análise de controle. Os especialistas que focalizam o ‘diz o quê’ ocupam-se da análise de conteúdo. Aqueles que se interessam principalmente pelo rádio, imprensa, cinema e outros canais de comunicação, fazem a análise dos meios (media). Quando o principal problema diz respeito às pessoas atingidas pelos meios de comunicação, falamos da análise de audiência. Se for o caso do impacto sobre as audiências, o problema será de análise de efeitos. (Lasswell 1987 : 105)

No caso dos estudos sobre a função das emissoras de rádio na sociedade, o mapeamento de Lasswell mostrou-se tão claro que acabou se tornando praticamente a principal teoria da comunicação para explicar o processo de produção, transmissão e recepção de sons através de ondas de radiofrequência. As palavras *emissor, mensagem, meios, receptor e audiência* até hoje são usadas para descrever os fatos: emissora de rádio, mensagem sonora, meio de transmissão, aparelhos receptores e audiência.

Esse modelo, que possibilitou uma primeira abordagem dos processos de comunicação via rádio, mostra-se deficiente no momento em que, por exemplo, os “ouvintes” da Rádio *Jovem Pan* de São Paulo se transformam em “ouvintes repórteres” e passam a – via telefone – informar sobre problemas no trânsito ou no momento em que um ‘usuário’ da Internet acessa emissoras de rádio de países distantes ou monta sua própria rádio (Rádio UOL, Usina do Som, etc.). O modelo funcionalista já tinha dificuldades para abordar, por exemplo, o processo comunicativo realizado em uma emissora de rádio comunitária, como a Rádio Favela de Belo Horizonte ou a rádio da favela Heliópolis de São Paulo, onde os receptores participam mais diretamente da produção das mensagens. “Quem é o emissor e quem é o receptor quando um casal está dançando?”, pergunta ironicamente Jesús Martín Barbero.



Se o modelo funcionalista, que via a comunicação como uma ciência do comportamento (estímulo / resposta), serviu durante certo tempo para explicar o que estava acontecendo com os meios de comunicação de massa, os teóricos da chamada Escola de Frankfurt passaram a analisar os mesmos fenômenos de uma forma crítica. Afirmaram que os meios de comunicação, principal forma de expressão da cultura de massa, na verdade nada mais eram que uma exagerada comercialização de produtos culturais fabricados em série: a *indústria cultural*. Tal indústria tratava os receptores apenas como compradores de produtos culturais, fáceis de serem manobrados por aqueles que manipulam os meios de comunicação.

Essa análise crítica, nascida no momento em que Theodor W. Adorno e Max Horkheimer, teóricos de Frankfurt, residiam nos Estados Unidos, ajudou na conscientização a respeito dos processos de massificação. Mais uma vez o termo emissor (um proprietário de uma emissora) e receptor (ouvinte passível de manipulação) funcionaram para descrever amplos processos. O grande passo dos teóricos de Frankfurt foi justamente o fato de terem passado de uma descrição funcional dos fatos, tal como fazia Lasswell, para uma análise crítica da realidade. Em *Dialética do Esclarecimento*, Adorno e Horkheimer mostram de que maneira a perspectiva iluminista dos proprietários dos meios - mais informação, mais cultura, mais democracia - na verdade se transformou no contrário daquilo a que se propunha: mais alienação e menos democracia¹⁴.

Por hora, preocupados em buscar novos elementos teóricos para analisar as novas formas de produção, transmissão e recepção via rádio, constatamos que as duas teorias citadas não conseguem dar conta de fenômenos tão dinâmicos e arredios a esquematizações.

Umberto Eco chamou de “integrados” os que se conformam em descrever a ação dos meios e de “apocalípticos” os que questionam os efeitos da ação dos meios. No livro *Apocalípticos e Integrados* indicou aos estudiosos de comunicação a impossibilidade de se elaborar uma teoria que desse conta de todos os fenômenos

¹⁴ Adorno, Theodor e Horkheimer, Max. *Dialética do Esclarecimento. Fragmentos Filosóficos*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1995. Conferir também Adorno, Theodor. “*A Indústria Cultural*”. In: Cohn, G. (Org.) *Comunicação e Indústria Cultural*. São Paulo, TA Queiroz, 1987.

1 Trabalho apresentado no NP06 – Núcleo de Pesquisa Mídia Sonora, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



de comunicação. Lembremos suas palavras: “... hoje é impossível elaborar, como já fez alguém, uma ‘Theorie der Massenmedien’: o que equivaleria a conceber uma teoria do Dia de São Nunca’ ” (Eco 1979 : 29).

As diversas obras sobre Teoria da Comunicação apresentam outras perspectivas que no momento não fazem parte de nossas preocupações: a Teoria da Informação (com ênfase na redução dos ruídos durante a transmissão de sinais¹⁵), as diversas correntes da Semiótica (com ênfase na articulação dos signos) e os Estudos Culturais (com ênfase nos processos de apropriação ou não das mensagens por parte dos sujeitos receptores), entre outras.

O problema da análise do que hoje acontece com o rádio passa tanto pelo espanto diante da velocidade das transformações (rádio via satélite, rádio comunitária, rádio na WWW, rádio pessoal na WWW, etc.) como pelas concepções que marcaram os sonhos dos primeiros estudiosos que abordavam o fenômeno. Bertolt Brecht, por exemplo, escreveu, em 1926, um ensaio chamado “*O Rádio como instrumento de comunicação*”. Preocupado com a falta de participação coletiva no rádio, com o risco de unidirecionalidade e seu uso como instrumento de propaganda estatal, elaborou a seguinte reflexão¹⁶:

“O rádio só tem um lado, quando deveria ter dois. Ele não passa de um dispositivo de distribuição, para um mero compartilhar. Assim, aqui está uma sugestão positiva: transformem esse dispositivo de distribuição em dispositivo de comunicação. O rádio se tornaria, provavelmente, a

¹⁵ O esquema elaborado por Shannon e Weaver em 1949 pode ser resumido em poucas palavras: “uma fonte ou nascente da informação a partir da qual é emitido um sinal, através de um aparelho transmissor; esse sinal viaja através de um canal, ao longo do qual pode ser perturbado por um ruído. Quando sai do canal, o sinal é captado por um receptor que o converte em mensagem que, como tal, é compreendida pelo destinatário”. Eco, Umberto. *Estética e Teoria dell’informazione*. Milão, Bompiani, 1972. Texto citado e comentado por Wolf, Mauro. *Teorias da Comunicação*. Lisboa, Presença, 1987. Pág. 99. Na análise desse esquema percebemos muitas palavras amplamente utilizadas no discurso sobre o rádio: fonte, transmissor, sinal, canal, ruído e receptor. Essa teoria explica com detalhes o que acontece com os sinais transmitidos através das ondas de rádio mas nada diz sobre a construção dos significados (pelo emissor e pelo receptor) das mensagens. Conferir também: Silva, Solange. *Por uma teoria sófica da informação*. In: Revista *Communicare*. Faculdade Cásper Líbero. São Paulo. Volume 1, Número 1, segundo semestre de 2001, páginas 21 a 32.

¹⁶ O texto de Brecht é citado por Dan Lander no ensaio *Rádiodifusão: reflexões sobre o rádio e a arte*. In: Zaremba, Lilian e Bentes, Ivana (Org.). *Rádio Nova, constelações da radiofonia contemporânea 3*. Rio de Janeiro, UFRJ/ECO/Publique, 1999. O autor faz a seguinte citação: Brecht, Bertolt. *The radio as an apparatus of communication*. In: *Video Culture: a critical investigation*. Ed. John Hanhardt. Rochester: Visual Studies Workshop, 1986. Página. 53.

1 Trabalho apresentado no NP06 – Núcleo de Pesquisa Mídia Sonora, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



melhor aparelhagem da vida pública, uma vasta rede de canais. Isto quer dizer, ele seria isso, se soubesse como receber, assim como sabe transmitir, se soubesse como deixar o ouvinte falar, assim como sabe fazê-lo ouvir” (Brecht apud Dan Lander 1999: 38).

Nessa altura dos acontecimentos, o mal-estar da teoria não pode se transformar na completa desvalorização do rádio ou na desistência de uma elaboração teórica sobre esse meio de comunicação. A reflexão sobre um fenômeno supõe um despreendimento que chamamos de crise, palavra que em grego procede do verbo *krinein* e indica um certo distanciamento do cotidiano para pensar sobre ele¹⁷, um distanciamento do meio rádio para refletirmos a respeito. Assim, na busca de novos elementos, reuniremos alguns conceitos que nas três últimas décadas foram elaborados pelo pensador francês Paul Virilio¹⁸.

Os conceitos de Virilio e algumas relações com o estudo do rádio

Antes de relacionarmos as perspectivas e conceitos comunicacionais de Paul Virilio com o meio rádio, lembramos alguns elementos que integram seu processo de construção teórica. Ao abordar as estratégias de guerra e, depois, a importância da velocidade no desenvolvimento das ações militares, Virilio propõe uma nova chave para a leitura da história: a velocidade. Assim, quem tem mais velocidade tem mais poder e consegue vencer o inimigo tanto no momento das ações militares propriamente ditas como nos períodos de negociação política¹⁹ (outra forma de guerra) que acontecem entre uma ação militar e outra.

¹⁷ Para o filósofo colombiano Jaime Rubio Angulo, “para filosofar é preciso sair do mundo do cotidiano. Este sair do mundo familiar, o ‘estar de fora’ do óbvio, do herdado, do cotidiano recebido pela tradição, é o que os filósofos gregos chamavam o admirar-se: *thaumazein*”. Conferir Angulo, Jaime Rubio. *Filosofia y Cotidianidad*. In: Revista *Análisis*. Vol. X, enero/junio 1976. Número 23. Colombia.

¹⁸ O arquiteto, urbanista e ensaísta Paul Virilio nasceu em 1932 e ainda menino viu os escombros das cidades européias destruídas no início da Segunda Guerra. Esse fato marcou sua pesquisa inicial e especialmente suas duas primeiras obras: Virilio, P. *Bunker Archéologie*. Éditions Du CCI, 1975 (Segunda edição pela Éditions Demi-Cercle, 1991) e Virilio, P. *Vitesse e Politique*. Editions Galilée, 1977 (Tradução brasileira: Virilio, P. *Velocidade e Política*. São Paulo, Estação Liberdade, 1996).

¹⁹ De acordo com Virilio, na obra acima citada (1996: 69), “a guerra econômica que assola atualmente a Terra é tão somente a *fase lenta* da guerra declarada, de um assalto rápido e breve por vir, porque é ela que perpetua, na não-batalha, o poderio militar como poder de classe”.

¹ Trabalho apresentado no NP06 – Núcleo de Pesquisa Mídia Sonora, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



O estudo da velocidade, também chamado *dromologia*, deverá ser aprofundado pelos teóricos da comunicação na abordagem de temas como: o papel do rádio durante a Segunda Guerra Mundial e a função do rádio nas estratégias tanto de assalto rápido como nas chamadas *não batalhas* que hoje vivemos, os períodos entre diversos assaltos.

Na obra *L'Horizon Négatif* (1984) Virilio, como ex-aluno de Maurice Merleau-Ponty (1908-1961), faz uma fenomenologia da percepção a partir da velocidade. Observa a história dos meios de transporte: os veículos metabólicos como a mulher - que carregava tanto o bebê como bagagens em seu dorso – e, depois o cavalo; as charretes ou outros veículos de tração animal que geraram os pontos de troca (sedentarização / cidade); os veículos que reduziram as distâncias marítimas; os trens e os veículos sobre rodas como motor à explosão. Na medida em que a percepção do mundo se faz de forma cada vez mais veloz, o ser humano vai obliterando, camuflando o espaço. Passa a ter a sensação de que os espaços entre os lugares ficam cada vez menores. Quando está em alta velocidade já não precisa ver o outro e acaba se libertando cada vez mais tanto do território como das pessoas que nele habitam.

Nesse contexto, analisa tanto a dromocracia, a hierarquia social articulada entre quem tem mais velocidade e quem tem menos velocidade, como a dromoscopia, a experiência antropológica vivida nessa situação. Quem tem um veículo ágil não tem apenas um bem material, mas tem velocidade, poder, economiza energia e fica mais protegido, mais restrito ao seu *bunker*, quer seja ele um automóvel fechado ou uma casa bem protegida. Na medida em que os seres humanos possuem veículos com maior poder de aceleração, acabam não vendo paisagens; essas desaparecem, sobra apenas uma espécie de deserto, um *horizonte negativo*. A partir dessa leitura da dromoscopia e da dromocracia podemos pensar, por exemplo nas relações entre rádio, velocidade e poder. De que maneira o rádio atuou e atua na redução das distâncias e na sensação de que os espaços entre os lugares são cada vez menores, percebidas especialmente nas emissoras *all news* que transmitem ao vivo de diversas partes da cidade, do País e do mundo? Como as



rádios comunitárias se colocam como instituições de poder popular que facilitam a articulação de pessoas em espaços reduzidos, já que uma emissora comunitária, com uma potência de 25 Watts e sistema irradiante (antena) não superior a trinta metros²⁰, pode ser sintonizada num raio de 3,5 Km? Como analisar a relação entre cidadãos que vivem tanto na dimensão global, sintonizando rádios de alcance internacional ou acessando rádios na WWW, como na dimensão local? Como articular as relações entre rádio, velocidade e poder nas dimensões global e local?

Em *Esthétique de la Disparition* (1979), Paul Virilio continua a reflexão sobre dromoscopia (*dromos* – velocidade, *skopein* – exame) e constata que nosso olhar está condicionado pelas leis do movimento dos veículos que utilizamos, quer seja um automóvel como também uma sala de cinema. Diante do pára-brisa do veículo como diante da tela do cinema estamos sentados e nossos veículos – o automóvel ou o cinema – se movimentam: estamos no contexto do sedentarismo comunicacional. Sem sair do lugar o corpo pode estar em vários lugares.

Ainda em *Esthétique de la Disparition*, o autor explica que as próteses complementam os limites do corpo. Bem diferente de McLuhan, que preferia a noção de *extensões do homem*²¹, Virilio constata que na medida em que o ser humano deixa de ser criança e passa a ser adulto, precisa de próteses tecnológicas que não escondem o fulcro infantil sobre o qual se sustenta a civilização ocidental. As próteses aumentam a potência do corpo e otimizam os vetores da capacidade de destruição. Como considerar o rádio como uma prótese do ouvido?

O livro *L’Inertie Polaire* (1990), traduzido em Portugal como *Inércia Polar*²², é a obra de Virilio que de fato pode ser considerada um verdadeiro estudo

²⁰ Normas de acordo com a Lei Número 9.612, sancionada em 19 de fevereiro de 1998 e publicada no Diário Oficial da União em 20 de fevereiro de 1998, que institui o Serviço de Radiodifusão Comunitária. O artigo número 1 dessa lei define o que é radiodifusão comunitária: “Denomina-se Serviço de Radiodifusão Comunitária a Radiodifusão sonora, em frequência modulada, operada em baixa potência e cobertura restrita, outorgada a fundações e associações comunitárias, sem fins lucrativos, com sede na localidade de prestação de serviços.

²¹ Conferir a obra *Understanding Media. The Extensions of Man*, na tradução brasileira de Décio Pignatari: McLuhan, Marshall. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. São Paulo, Cultrix, 1974 (4ª edição).

²² *L’Inertie Polaire* foi publicado pela Éditions Christian Bourgois em 1990. A tradução portuguesa foi publicada em 1993. Virilio, Paul. *A Inércia Polar*. Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1993.

1 Trabalho apresentado no NP06 – Núcleo de Pesquisa Mídia Sonora, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



sobre comunicação²³. Nela, o autor considera os meios audiovisuais como os *últimos veículos* que acabam reduzindo totalmente as dimensões do planeta. Pensando em termos de mundo organizado em redes de comunicação, considera que a partir do momento que toda a distância é suprimida pela tela – da televisão ou do computador – as pessoas podem ir a todos os lugares sem precisar sair do lugar. Estamos no contexto dos não lugares possibilitado por meios audiovisuais: os velozes sistemas de transporte automotivos ou audiovisuais vencem cada vez mais espaços maiores em tempos menores.

O autor constata a passagem da emissão e recepção radiofônica para o que chama de *videoscopia*:

“De fato, a par dos efeitos da radio-atividade da emissão e recepção radiofônicas, com sua alta ‘fidelidade electro-acústica’, temos agora aquilo a que poderíamos chamar a opto-actividade da comutação videoscópica, com os problemas de ‘alta definição electro-óptica que tal pressupõe” (Edição Portuguesa. Virilio 1993: 15).

Por *videoscopia*, o autor entende a percepção mediada pelo vídeo. Esse tipo de percepção possibilita a passagem da representação do mundo – como na fotografia – para uma espécie de *apresentação* do mundo. As telas da televisão ou do computador já não representam, mas apresentam o que está acontecendo em outros lugares, *presentificam* o que está geográfica ou historicamente (presente, passado ou futuro) distante.

As observações do autor para a questão das telas conectadas em rede nos desafiam a uma leitura das emissoras de rádio, tanto as comunitárias e de pequeno alcance, como as de alcance global através das redes. De que forma o rádio já nos tornava ou ainda nos torna sedentários? De que forma o rádio *presentifica* o que está acontecendo em outros lugares? Sentadas no banco do automóvel ou cuidando de afazeres domésticos as pessoas estão presas a um lugar – daí a idéia de inércia polar – e ao mesmo tempo estão circulando pelo mundo através das ondas de rádio.

No contexto da *inércia polar* Virilio constata que cada pólo – a sala de nossa casa ou nossa mesa de trabalho – é marcado tanto pela sedentarização, como pela

²³ Esse tema foi amplamente debatido no curso *Crítica da Civilização da Imagem em Tempo Real*, ministrado por Eugênio Trivinho, no Departamento de Cinema, Rádio e Televisão da ECA-USP, em São Paulo, no segundo semestre de 2001.

1 Trabalho apresentado no NP06 – Núcleo de Pesquisa Mídia Sonora, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



dinâmica do audiovisual: as imagens passam pelas nossas salas a 300 mil quilômetros por segundo, se repetem, se reciclam. Nesse ambiente dinâmico a cultura é continuamente recriada; estamos dentro de um processo que amplia nossa visão – e audição – do mundo.

Em *Vitesse de Liberation* (1996), traduzido em Portugal como *A Velocidade de Libertação*²⁴, o autor aprofunda o fato que as redes (imateriais, audiovisuais) suplantam os territórios (materiais, geográficos). Para tal, os homens e mulheres pagam um alto preço: a idéia de contínua velocidade de libertação – ir a todos os lugares sem sair do lugar – acaba abolindo o planeta. Por isso, as perguntas centrais da obra são muito sérias:

“Deveremos nós, a partir de agora, sentir ‘piedade pelo mundo’, como sugere a ecologia? Pedir misericórdia pela pequenez da sua extensão? Se a localização se tornou rapidamente tão desprezível para o imóvel navegador no mesmo lugar deste fim de milênio, devemos nós, apesar disso, ter compaixão deste ‘espaço real’ considerado em proveito exclusivo do ‘tempo real’ do intercâmbio instantâneo, ou, pelo contrário, devemos lutar com firmeza contra tal discriminação? (*Virilio 2000 : 165*)

Pelo fato de viver num mundo articulado pela velocidade, nessa obra Virilio mostra o ser humano como *ser do trajeto*. Um ser que vive e atua, com maior ou menor velocidade, na constante interação entre as dimensões global e local.

Assim, no contexto da glocalização, os corpos sedentários habitam, segundo Virilio, os não lugares da rede e acentuam, entre outras, as experiências do individualismo²⁵. Reduzem suas capacidades ou necessidades de participação em organizações político-sociais.

Em outras obras, como *Bomba Informática* (1998), explica detalhadamente²⁶ os problemas que nascem com a constante aceleração da velocidade. Aborda, por exemplo, a eminência de um possível acidente que ameaça a humanidade:

²⁴ Virilio, P. *La vitesse de libération*. Éditions Galilée, 1996. Tradução portuguesa: Virilio, P. *A velocidade de libertação*. Lisboa, Relógio d’Água Editores, 2000.

²⁵ Pelo fato de alertar, de forma heterodoxa, a respeito de temas tão importantes, Virilio é um dos alvos preferidos das ironias e críticas dos internautas que mostram um grande entusiasmo em relação ao *cyberspace*.

²⁶ Em 1995, em *La Vitesse de Libération*, o autor fez um primeiro aceno à perspectiva de um “acidente”. O tema é aprofundando em: Virilio, P. *La bombe informatique*. Paris, Editions Galiléé, 1998. Tradução brasileira: Virilio, P. *A bomba informática*. São Paulo, Estação Liberdade, 1999. Além das obras já citadas, no Brasil temos acesso a outros textos do autor: Virilio, P. *A máquina de visão*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1994 (*La machine de vision*. Paris, Éditions Galilée, 1998); Virilio, P. *A arte do motor*. São 1 Trabalho apresentado no NP06 – Núcleo de Pesquisa Mídia Sonora, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



“... se a interatividade for para a informação o que a radioatividade é para a energia, então estamos diante da temível emergência do ‘acidente dos acidentes’, um acidente não mais local e situado precisamente, mas global e generalizado, ou, em outras palavras, de um fenômeno capaz de interferir simultaneamente em toda parte” (Virilio 1999 : 129).

Atento às possibilidades e problemas levantados pelo fato de todo o planeta estar conectado em rede, Virilio mostra que a interatividade, o imediatismo e a ubiqüidade representam a verdadeira mensagem da emissão e da recepção em tempo real. Corrige a célebre fórmula “o meio é a mensagem”, proposta por Marshall McLuhan²⁷, e nos ajuda a constatar que a velocidade é a mensagem: “a mensagem não é o meio, mas somente sua velocidade” (Virilio 1999 : 136).

No Brasil, a obra de Paul Virilio, ainda pouco estudada, foi utilizada como um dos suportes teóricos na elaboração da tese defendida por Eugênio Trivinho na Escola de Comunicações e Artes da USP: *Cyberspace. Crítica da nova comunicação*. Nesse trabalho, Trivinho²⁸ analisou criticamente a “megatecnoburocracia internacional da informatização, virtualização e ciberespacialização das sociedades contemporâneas, ou sinteticamente, megainfoburocracia” (1999 : 80). O autor também questiona Virilio quando observa que este, ao priorizar recentemente as relações entre espaço/tempo, velocidade audiovisual e sistema comunicacional, praticamente se divorciou da categoria da política que enfatizava em suas primeiras obras. Por isso, faz a crítica da crítica proposta por Virilio e mostra que este paralisa a discussão no contexto da forma mediática predominante

Paulo, Estação Liberdade, 1996.; Virilio, P. *Guerra Pura*. São Paulo, Brasiliense, 1994; Virilio, P. *O espaço crítico*. Rio de Janeiro, Editora 34, 1993 (*L’Espace Critique*. Paris, Éditions Christian Bourgois, 1984); Virilio, P. *Guerra e Cinema*. São Paulo, Scritta, 1993 e, ainda, a edição espanhola de *Cybermonde: La politique du pire*. Paris, Les Editions Textuel, s/d. traduzido como *Cibermundo: ?Una política suicida?* Santiago do Chile, Dolmen Ediciones/Granica, 1997

²⁷ McLuhan é considerado, pelos entusiastas com as novas perspectivas da Aldeia Global, um dos profetas de um mundo amplamente conectado em rede. Sua afirmação “o meio é a mensagem” encontra-se na obra *The Medium is the message*, publicada em 1967. Mais detalhes sobre a obra e sobre o trocadilho triplo (*message* – mensagem, *mass age* – era das massas e *massage* – massagem) apresentado na tradução brasileira (McLuhan, Marshall e Fiore, Quentin. *O meio são as massa-gens*. Rio de Janeiro, Record, s/d) podem ser encontrados em Menezes, J.Eugenio de O. *As formas de percepção e as mudanças culturais*. In: Revista NIFE, Faculdades Sant’Anna, São Paulo, Ano 6, número 5, páginas 193-196, março de 1999.

²⁸ Trivinho, E. *Cyberspace: crítica da nova comunicação*. São Paulo, Biblioteca da ECA/USP, 1999.

1 Trabalho apresentado no NP06 – Núcleo de Pesquisa Mídia Sonora, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



(comunicação desterritorializada, organização informacional da velocidade-luz) e acaba manifestando uma *concepção comunicacional neo-apocalíptica* (1999:342).

Conclusões

Depois de verificarmos os desafios que o contexto da cibercultura impõe aos estudos de comunicação e, especialmente, ao meio rádio, percebemos que estamos diante de novas perguntas. As pesquisas de Paul Virilio e, em seguida, de Eugênio Trivinho, calcadas essencialmente na análise das imagens (velocidade / luz) veiculadas no *cyberspace*, exigem novas abordagens tanto nos estudos sobre rádio como nas pesquisas sobre as teorias dos *media*. Algumas delas merecem um posterior aprofundamento.

Voltando ao meio rádio, fenômeno que permeou nossas preocupações nesse texto, perguntamos: Podemos dizer que na era da imagem o meio rádio ainda tem importância na agilização dos processos de vinculação entre pessoas de uma determinada cidade ou de uma cidade mundo? De que forma o meio rádio, em conjunto com outros meios, atua na sincronização da vida em sociedade?

Lembrando que “a vida transborda o conceito”, conforme o provérbio de Tomás de Aquino (1227-1274), percebemos que encontramos mais perguntas do que respostas. Por isso, temos um longo caminho a percorrer tanto na interpretação das funções do rádio no contexto da cibercultura, como na articulação de conceitos (eventuais teorias dos *media*) sobre os atuais processos de comunicação.

Referências bibliográficas

ADORNO, Theodor e HORKHEIMER, Max. *Dialética do Esclarecimento. Fragmentos Filosóficos*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1995.

ANGULO, Jaime Rubio. *Filosofia y Cotidianidad*. In: Revista *Análisis*. Vol. X, enero/junio 1976. Número 23. Colômbia.

ASSMANN, Hugo. *Reencantar a educação. Rumo à sociedade aprendente*. Petrópolis, Vozes, 1998.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

BAITELLO, Norval. “A cultura do ouvir”. In: Zaremba, Lilian e Bentes, Ivana. (Organizadoras). *Rádio Nova, constelações da radiofonia contemporânea 3*. Rio de Janeiro, UFRJ/ECO/Publique, 1999. Páginas 53 – 75).

BAITELLO, Norval. “Ambivalência na/da mídia: o Haiti e a chuva de rádios”. In: *O animal que parou os relógios*. São Paulo, Annablume, 1997.

BRECHT, Bertolt. *The radio as na apparatus of communication*. In: *Video Culture: a critical investigation*. Ed. John Hanhardt. Rochester: Visual Studies Workshop, 1986. Página. 53.

COHN, Gabriel (Org.). *Comunicação e Indústria Cultural*. São Paulo, T.A Queiroz, 1987.

ECO, Umberto. *Estética e Teoria dell’informazione*. Milão, Bompiani, 1972.

FERRARETTO, Luiz Artur. “O novo rádio pós-fordista”. In: LEVACOV, Marília et al. *Tendências na Comunicação*. Porto Alegre, L&PM, 1998.

KUMAR, Krishan. *Da Sociedade Pós-Industrial à Pós Moderna. Novas teorias sobre o mundo contemporâneo*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1997.

MATTELART, Armand & Michèle. *História das Teorias da Comunicação*. São Paulo, Loyola, 1999.

McLUHAN, Marshall e FIORE, Quentin. *O meio são as massa-gens*. Rio de Janeiro, Record, s/d.

McLUHAN, Marshall. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. São Paulo, Cultrix, 1974 (4º edição).

MEDITSCH, Eduardo. *O Rádio na era da informação – teoria e prática do novo radiojornalismo*. Florianópolis, Insular/Ed. da UFSC, 2001.

MENEZES, J. E. O. “Comunicação: ciência e prática”. In: *Revista Líbero*, Ano III, Número 5, páginas 93-94.

MENEZES, J. E. O. “As formas de percepção e as mudanças culturais”. In: *Revista NIFE*, Faculdades Sant’Anna, São Paulo, Ano 6, número 5, março de 1999, páginas 193-196.

MENEZES, J. E. O. *Da teoria à prática e da prática à teoria*. In: *Revista Líbero*, Ano II, números 3 e 4, páginas 77-79

MIÈGE, Bernard. *O Pensamento Comunicacional*. Petrópolis, Vozes, 2000,



PROSS, Harry e ROMANO, Vicente. *Atrapados en la red mediática. Orientación en la diversidad*. Hondarribia, Argitaletxe, 1999.

SACKS, Oliver. *Vendo Vozes*. Rio de Janeiro, Imago, 1997.

SANTAELLA, L. e NÖTH, W. *Imagem. Cognição, semiótica, mídia*. S. Paulo, Iluminuras, 1997.

SILVA, Solange. *Por uma teoria sígnica da informação*. In: Revista *Communicare*. Faculdade Cásper Líbero. São Paulo. Volume 1, Número 1, segundo semestre de 2001, páginas 21 a 32.

TRIVINHO, E. “*Epistemologia em ruínas: a implosão da Teoria da Comunicação na experiência do ciberespaço*”. In: MARTINS, Francisco Menezes e SILVA, Juremir Machado (Org.). *Para navegar no século XXI. Tecnologias do imaginário e cibercultura*. Porto Alegre, Edipucrs/Editora Sulina, 1999.

TRIVINHO, E. “*Epistemologia em ruínas: a implosão da Teoria da Comunicação na experiência do ciberespaço*”. In: TRIVINHO, E. *O mal-estar da teoria. A condição da crítica na sociedade tecnológica atual*. Rio de Janeiro, Quartet, 2001.

TRIVINHO, E. “*Glocal – para uma renovação da crítica da civilização mediática*”. In: SILVA, Dinorá Fraga e FRAGOSO, Suely. (Organizadoras). São Leopoldo, Editora Unisinos, 2001.

TRIVINHO, E. “*Pilhagem, Perfeição, Controle. Transparência das tecnoimagens da transparência do mundo*”. In: *O mal-estar da teoria. A condição da crítica na sociedade tecnológica atual*. Rio de Janeiro, Quartet, 2001.

TRIVINHO, E. *Cyberspace: crítica da nova comunicação*. São Paulo, Biblioteca da ECA/USP, 1999.

VIRILIO, P. *Guerra Pura*. São Paulo, Brasiliense, 1994.

VIRILIO, P. *A arte do motor*. São Paulo, Estação Liberdade, 1996.

VIRILIO, P. *Bunker Archéologie*. Éditions Du CCI, 1975.

VIRILIO, P. *Cybermonde: La politique du pire*. Paris, Les Editions Textuel, s/d. Tradução: *Cibermundo: ?Una política suicida?* Santiago do Chile, Dolmen Ediciones/Granica, 1997.

VIRILIO, P. *Guerra e Cinema*. São Paulo, Scritta, 1993.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

VIRILIO, P. *L'Espace Critique*. Paris, Éditions Christian Bourgois, 1984. Tradução brasileira: *O espaço crítico*. Rio de Janeiro, Editora 34, 1993.

VIRILIO, P. *L'Inertie Polaire*. Paris, Éditions Christian Bourgois, 1990. Tradução portuguesa: *A Inércia Polar*. Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1993.

VIRILIO, P. *La bombe informatique*. Paris, Editions Galiléé, 1998. Tradução brasileira: *A bomba informática*. São Paulo, Estação Liberdade, 1999.

VIRILIO, P. *La machine de vision*. Paris, Éditions Galilée, 1998. Tradução brasileira: *A máquina de visão*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1994

VIRILIO, P. *La vitesse de libération*. Éditions Galilée, 1996. Tradução portuguesa: Virilio, P. *A velocidade de libertação*. Lisboa, Relógio d'Água Editores, 2000.

VIRILIO, P. *Vitesse e Politique*. Editions Galilée, 1977. Tradução brasileira: Virilio, P. *Velocidade e Política*. São Paulo, Estação Liberdade, 1996.

WOLF, Mauro. *Teorias da Comunicação*. Lisboa, Presença, 1987.

ZAREMBA, Lilian e BENTES, Ivana (Org.). *Rádio Nova, constelações da radiofonia contemporânea 3*. Rio de Janeiro, UFRJ/ECO/Publique, 1999.